

Dislexia

Edição Setembro de 2000

Índice

O distúrbio das letras

A dislexia causa dificuldades de leitura e escrita e, se não for diagnosticada, pode afastar o jovem do sistema escolar

[Luciana Zenti](#)

Fotos Masao Goto Filho



Tiago: apoio dos professores para superar os problemas

Como estudante, ele era apenas um ótimo violinista. Suas notas eram tão ruins que chegou a abandonar os estudos por um tempo. Depois de muito esforço, conseguiu se formar, mas ninguém acreditava no seu futuro. Esse aluno, por muito tempo taxado de preguiçoso e desinteressado, era Albert Einstein. Embora tivesse uma inteligência superior e uma ótima habilidade com cálculo, ele sofria muito para ler ou escrever em sala de aula.

A humanidade quase desperdiçou o talento de um de seus maiores gênios porque as professoras da época não conheciam a dislexia, distúrbio de aprendizagem que atinge de 10% a 15% da população mundial. Por isso,

é importante que você conheça os sintomas. Ou corre o risco de excluir da escola algum grande talento. "Não há estudos precisos a esse respeito, mas suspeita-se de que o índice de evasão escolar por causa da doença seja elevado", acredita Maria Ângela Nico, coordenadora da Associação Brasileira de Dislexia (ABD).

"A dislexia é uma dificuldade no aprendizado da leitura e da escrita", explica o neuropediatra Abram Topczewski, do Hospital Albert Einstein, em São Paulo. "Os principais sinais são a dificuldade de escrever, a inversão de letras e a leitura lenta, em que o aluno pronuncia uma sílaba por vez." Uma característica bastante comum é a troca de fonemas semelhantes — b por p, f por v — ou de letras visualmente parecidas — q por p, d por b, m por n. Também pode acontecer de o aluno omitir ou repetir letras.

Luiz Celso Vilanova, chefe do setor de Neurologia Infantil da Universidade Federal de São Paulo, diz que para identificar um disléxico é preciso observar se ele tem uma aprendizagem normal nas outras disciplinas. Mas atenção: algumas crianças podem apresentar também baixo rendimento em Matemática, o que complica o diagnóstico. Quase 60% dos disléxicos têm o que os especialistas chamam de discalculia, que se traduz em dificuldades com cálculos ou na memorização da tabuada, por exemplo.



Escola Teofilo Benedito Ottoni: a atenção dos professores é fundamental

Ajuda especializada



Por isso, o melhor a fazer, segundo Vilanova, é pedir exames sempre que houver suspeita de dislexia. "Com tratamento adequado é possível diminuir o problema." O diagnóstico deve ser feito por uma equipe multidisciplinar — psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo e neurologista. No Brasil, só a ABD realiza esse trabalho. A consulta inicial custa 53 reais. "Na hora da avaliação, os pais preenchem um questionário sobre sua situação socioeconômica e, dependendo do caso, nem cobramos o exame", explica Maria Ângela.

O distúrbio não impede ninguém de aprender. Em geral, os disléxicos são pessoas criativas e não raro possuem inteligência acima da média. Muitos se destacam na música (o cantor John Lennon), nas artes cênicas (o ator Tom Cruise), nas artes plásticas (o genial Vincent van Gogh) ou nos esportes (o jogador Magic Johnson).

Fernando Henrique: sem avaliação de especialistas

Guilherme Rodriguez Lopez Costa sofreu muito com essa situação. Frustrado com a escola, ele voltou suas energias para o skate. Ao perceber que podia se dar bem em algo, ganhou confiança e entendeu que podia aprender a ler e escrever. Ele ainda precisa de acompanhamento profissional, mas se expressa com facilidade.

Mesmo talentosos, os disléxicos costumam ser rotulados de preguiçosos ou apontados como problemáticos, o que pode causar outros danos, do ponto de vista emocional. Felipe Alberto de Mello, de 14 anos, perdeu a auto-estima porque não conseguia ler e escrever. "Ele dizia que era burro e vivia triste", conta a mãe, Rosemeri. Com o diagnóstico, ele foi aprendendo a lidar com suas dificuldades.

Nesse ponto, o apoio da escola é fundamental. Vários professores de Felipe no Externato Nossa Senhora Menina, em São Paulo, passaram a lhe dar mais atenção e ofereceram a ele a opção de fazer as provas oralmente. O mais importante é entender as reais dificuldades do aluno e acompanhar de perto seu processo de aprendizagem. "Uma orientação básica é colocá-lo sentado perto do quadro-negro, dar mais tempo para a cópia e usar um gravador durante a aula", sugere o orientador educacional Mário Angelo Braggio.

Na Escola Municipal Teófilo Benedito Ottoni, em São Paulo, a coordenadora Maria Cristina Francisco se preocupa em identificar os casos do distúrbio, mas nem sempre consegue submeter os estudantes à avaliação. É o caso de Fernando Henrique Cardoso, de 13 anos, e Tiago Gonçalves da Silva, de 10. "Tudo indica que eles sejam disléxicos, mas nunca puderam fazer exames", afirma Maria Cristina.

Para amenizar o problema, foi montada uma sala de apoio pedagógico que atende em pequenos grupos os jovens com dificuldades. O trabalho principal continua sendo em sala de aula. "Tentamos conscientizar o professor de que o aluno não age assim por malandragem nem em razão de algum problema com a metodologia de ensino", afirma. "A compreensão e a parceria são essenciais para garantir o futuro desses jovens."



Guilherme: esporte ajudou a levantar auto-estima



Evite a exclusão

- Não exclua o dislético do ambiente da sala de aula
- Estimule o aluno a fazer todos os exercícios e parabeneze-o sempre pelo esforço e pelos sucessos.
- Pergunte se não ficou alguma dúvida na exposição da matéria
- Lembre-o de anotar datas de provas, tarefas e pesquisas
- Peça que ele tome nota de determinadas explicações ou dicas que não constem no texto
- Dê mais tempo durante as provas, lendo sempre o enunciado em voz alta e certificando-se de que ele entendeu o que foi pedido. Uma boa saída é fazer provas orais

Fonte: Associação Brasileira de Dislexia

Veja também



Como identificar um aluno dislético

Sites interessantes

Métodos de alfabetização e a dislexia



Quer saber mais?

Associação Brasileira de Dislexia, Av. Angélica,
2318, 9º andar, CEP 01228-200, São Paulo, SP,
tel./fax (0__11) 258-7568,
e-mail: abdislexia@uol.com.br,
internet: <http://abd-dislexia.8k.com/>

Escola Estadual Teófilo Benedito Ottoni, R. Inácio
Cervantes, 490, CEP 05572-000, São Paulo, SP,
tel. (0__11) 3782-8893, fax (0__11) 810-9759

Externato Nossa Senhora Menina, R. do Oratório,
2621,
CEP 03117-001, São Paulo, SP, tel. (0__11)
6965-2083

Bibliografia:

Aprendizado e suas Desabilidades — Como Lidar,
Abram Topczewski, 80 páginas, Ed. Casa do Psicólogo,
tel. (0__11) 852-4633, 10 reais



© Fundação Victor Civita 2001
Todos os direitos reservados